

MARIA SUELY RUFINO PEREIRA



**OS MESTRES DE OFÍCIO E O ENSINO DA CERÂMICA SARAMENHA EM
ESPAÇO NÃO FORMAL**

Belo Horizonte
2014

MARIA SUELY RUFINO PEREIRA

**OS MESTRES DE OFÍCIO E O ENSINO DA CERÂMICA SARAMENHA EM
ESPAÇO NÃO FORMAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

BELO HORIZONTE
2014

Pereira, Maria Suely Rufino, 1962.

Os mestres de ofício e o ensino da Cerâmica Saramenha em espaço não formal: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Maria Suely Rufino Pereira – 2014. 42f.

Orientador (a): Fabiana De Lucca Munaier

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Munaier, Fabiana De Lucca. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707

MARIA SUELY RUFINO PEREIRA

OS MESTRES DE OFÍCIO E O ENSINO DA CERÂMICA SARAMENHA EM
ESPAÇO NÃO FORMAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Fabiana De Lucca Munaier

Fabiana De Lucca Munaier – EBA/UFMG

Amir Brito Cador – EBA/UFMG

BELO HORIZONTE
2014

Dedico este trabalho à minha mãe, ao meu pai, aos meus filhos, ao meu esposo, aos meus amigos Wander Donizete Bebiano, Maria Aparecida Miranda , Moisés Gleisson de Paiva, ao Mestre Leonardo Ricart dos Santos e Mestre Bitinho “in memoriam”.

AGRADECIMENTOS

A minha filha Camila, que nos momentos de esmorecimento não me deixou fraquejar, sempre um âncora em minha vida. A minha filha Fabiana e minha mãe Nilza, que conviveram com minha ausência, mas, sempre me incentivaram. Ao meu filho Fabrício, que mesmo longe me transmitiu energia e sempre incutiu em mim a importância de vencer mais essa etapa em minha vida.

E especial ao orientador João Cristeli pelo incentivo na escolha do meu tema, simpatia e presteza no auxílio às atividades e discussões sobre o andamento deste trabalho e à orientadora Fabiana De Lucca Munaier pelos incentivos finais e normatização desta Monografia de Conclusão de Curso.

Aos idealizadores, coordenadores e funcionários do Curso de Especialização de Ensino em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais. A todos os professores e tutores pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso. Particularmente as tutoras Hednamar Maria Correia e Marcella Furtado Rodrigues, por não pouparem esforços como interlocutoras dos alunos e por suprirem eventuais falhas e lacunas.

Especialmente ao Mestre Leonardo Ricart dos Santos, que com sua sapiência, dedicação e carinho durante suas aulas e nossas conversas, me proporcionou conhecer mais sobre a Cerâmica Saramenha do que eu poderia apreender através de escritos.

Ao meu amigo Wander Donizete Bebiano, que me convidou para fazer o curso e que teve presença marcante em todo o decorrer do mesmo, incentivando-me, auxiliando-me nas dificuldades encontradas e que sem ele acho que eu não teria conseguido.

Às nossas famílias pela paciência em tolerar a nossa ausência. E, finalmente, a DEUS pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

*“A arte não é um trabalho manual, ela é a
transmissão de sentimento que o artista
experimentou”.*

Leon Tolstoi

RESUMO

O ensino da técnica da Cerâmica Saramenha em espaços não formais ajudou e ajuda na sua preservação. Com esta proposta de estudo, vislumbrou-se unir o passado e o presente da Cerâmica Saramenha, graças ao trabalho dos mestres de ofício. O estudo tem por finalidade fazer um apanhado do contexto histórico da Cerâmica Saramenha e discorrer sobre como se deu o resgate da técnica e como ela é mantida através do ensino em um espaço não formal. O método usado na pesquisa baseia-se, em entrevistas com parentes e amigos de mestre Bitinho, cujo falecimento se deu em 1998, e com mestre Leonardo, que hoje, em uma oficina-escola, dedica-se à realização de oficinas para ensinar a técnica às pessoas da comunidade. Além dessa pesquisa de campo, buscaram-se informações em jornais, livros, revistas e sites especializados, além de consulta a acervos públicos.

Palavras-chave: Cerâmica Saramenha. Ensino de Arte. Espaço não Formal. Mestres de Ofício.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Cerâmica Saramenha: Sopeira.....	14
FIGURA 2 – Detalhe da tampa da sopeira	15
FIGURA 3 – Cerâmica Saramenha: Cuscuzeiro	16
FIGURA 4 – Cuscuzeiro, Castiçais e Moringa.....	18
FIGURA 5 – Silvestre Guardiano Salgueiro, Mestre Bitinho	20
FIGURA 6 – Leonardo Ricart dos Santos, mestre Leonard.....	22
FIGURA 7 – Área externa da Oficina-Escola de Cerâmica Saramenha.....	29
FIGURA 8 – Mestre Leonardo durante o curso, ensinando a técnica	30
FIGURA 9 – Forno para a queima da cerâmica	32
FIGURA 10 – Torno	33
FIGURA 11 – Vaso modelado no torno.....	33
FIGURA 12 – Peças após a primeira e segunda queima	34
FIGURA 13 – Materiais utilizados durante as aulas	35
FIGURA 14 – Peças da oficina em processo de secagem.....	35
FIGURA 15 – Peças em exposição na oficina.....	36

LISTA DE SIGLAS

AMA – Associação Mineira dos Artesãos

BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

EPI's – Equipamentos de Proteção Individual

FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto

FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

PMOB – Prefeitura Municipal de Ouro Branco

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

Ficha catalográfica	03
Lista de ilustrações	09
Lista de siglas.....	10
Introdução	12
1. Cerâmica Saramenha	14
1.1 – Da origem aos dias atuais.....	17
2. O mentor do ofício e o discípulo da técnica da Saramenha em Ouro Branco ..	20
2.1 – O olhar do aprendiz	24
3. Os mestres de ofício e o ensino em um espaço não formal.....	28
3.1 A dinâmica das oficinas de Mestre Leonardo	30
3.2 – Materiais e processos.....	31
Considerações Finais	37
Referências bibliográficas	39
Anexo	42

Introdução

A Cerâmica Saramenha é o nome de uma louça com um vidrado à base de chumbo e óxidos metálicos que começou a ser produzida no início do século XIX, na chácara Saramenha, próximo a Ouro Preto em Minas Gerais. A arte Saramenha teve seu momento glorioso no passado e mais especificamente na cidade de Ouro Branco, na qual a técnica foi mantida por Silvestre Guardiano Salgueiro (1918-1998), o Mestre Bitinho. No município, a técnica de produção da Cerâmica Saramenha está sendo preservada por Mestre Leonardo Ricart, discípulo de Mestre Bitinho.

Por ser a Cerâmica Saramenha uma técnica centenária, que inicialmente foi produzida em Ouro Preto, depois em Ouro Branco, cidade onde moro há 33 anos, sendo ela amplamente utilizada no passado e preservada a técnica de sua feitura através da família de Mestre Bitinho e atualmente vem sendo repassada por seu discípulo e hoje mestre Leonardo.

Eu, como educadora, professora de artes, me dediquei a pesquisar sobre ela, por preocupar-me com a sua continuidade, resultando dessa forma em minha monografia.

Há alguns anos, trabalhei na Secretaria de Cultura da Prefeitura de Ouro Branco e me aproximei da Cerâmica Saramenha, que era então produzida por Leonardo Ricart, em um espaço construído na Praça de Eventos, que se chamava “Casa do Artesão”. Diante desse contato alguns questionamentos suscitaram apontamentos, que se delineiam no presente trabalho.

Nesse sentido, esta pesquisa pretende investigar como se dá o ensino, em um espaço não formal, da técnica da Cerâmica Saramenha e de como ela vem sendo preservada até os nossos dias, especialmente na cidade de Ouro Branco, Minas Gerais.

O objetivo geral desta pesquisa é conhecer como acontece o ensino das técnicas e processos que envolvem o ensino/aprendizagem da produção da Cerâmica Saramenha em oficinas ministrados em um espaço não

formal. Já os objetivos específicos são observar e registrar a realidade para indicar os desafios da prática de preservação e continuidade da técnica.

Será considerada nesta pesquisa a Cerâmica Saramenha e o ensino em espaço não-formal através de oficinas com o mestre de ofício Leonardo Ricart dos Santos na cidade de Ouro Branco, em Minas Gerais.

O método utilizado será pautado primeiramente pela pesquisa bibliográfica através da consulta em textos jornalísticos, reportagens e publicações. Em seguida será realizada uma pesquisa de campo através de entrevistas com a família de Mestre Bitinho.

Utilizarei como fundamentação teórica a Monografia de Bacharelado de Tatiana da Costa Sena “O consumo de louças estrangeiras e produção de louça vidrada em Vila Rica e o livro de Paulo Rogério Ayres Lage “CERÂMICA SARAMENHA – A Primeira Manufatura de Minas Gerais.

Por último será efetivado um trabalho de observação em campo, com entrevista a Mestre Leonardo e registros fotográficos das atividades em sua oficina.

No capítulo 1 será abordada a origem da produção de Cerâmica Saramenha no Brasil Colônia até os dias atuais.

A estrutura do capítulo 2 será baseada no enfoque do mestre de ofício Bitinho e seu discípulo Leonardo Ricart na prática da técnica da Cerâmica Saramenha em Ouro Branco.

O capítulo 3 abordará o ensino da técnica da Cerâmica Saramenha em um espaço não formal, uma breve definição de espaço formal e não formal, materiais, processos de feitura, as considerações finais e disponibilizará referências utilizadas no decorrer da pesquisa.

1. Cerâmica Saramenha

Cerâmica Saramenha é o nome da louça vidrada, de origem portuguesa, que começou a ser produzida no início do século XIX em uma fábrica nas proximidades de Ouro Preto, Minas Gerais. Trata-se da produção de uma grande variedade de utensílios, pratos, sopeiras, vasos, canecas, tigelas, moringas dentre outras peças como castiçais, bilhas, paliteiros, saleiros, canecas, candeias e urinóis, etc.

Figura 1 – Cerâmica Saramenha: Sopeira



Fonte: a autora.

Figura 2 – Detalhe da tampa da sopeira



Fonte: a autora.

A técnica consiste na utilização de argila e um vidrado à base de óxidos metálicos e chumbo. As peças são feitas no torno e queimadas duas vezes em forno à lenha, sendo que na segunda queima é aplicado o esmalte. A argila de cor escura, as formas torneadas, as cores, a composição do vidrado e o processo de queima conferem à Cerâmica Saramenha as suas características.

No contexto histórico, a Cerâmica Saramenha teve grande importância, atendia as necessidades de utensílios domésticos antes da Abertura dos Portos, sendo que foi preterida após a chegada das louças estrangeiras, com seus finos acabamentos.

Figura 3 – Cerâmica Saramenha: Cuscuzeiro



Fonte: a autora.

Mais que um artefato de louça vidrada, a Cerâmica Saramenha possui particularidades estéticas: é uma cerâmica reconhecida como grosseira, de acabamento menos refinado e vidrada, suas cores são peculiares devido à mistura dos pigmentos utilizados para compor as diversas nuances e tonalidades: tons marrons, azeitona, amarelo e avermelhado com decoração de elementos ou manchas de caráter abstrato, ou ainda desenhos de inspiração fitomórfica (inspirados nos formatos dos vegetais), com materiais e técnicas remanescentes de uma manufatura que existiu no início do século XIX em Vila Rica, Minas Gerais.

Preservada ininterruptamente durante mais de dois séculos até os dias de hoje a técnica envolve práticas de trabalho, manipulação e uso de matérias, domínio do ofício de oleiro e dos processos de queima, especificidades que a caracterizam como uma das importantes culturas ceramistas.

1.1 Da origem aos dias atuais

A fabricação da Cerâmica Saramenha iniciou-se segundo LAGE (2010), em 1803 na Chácara Saramenha, próximo à cidade de Ouro Preto, empregando técnicas trazidas pelos colonizadores portugueses. O antigo arraial pertencia à época a Ouro Preto, Minas Gerais.

Quando a Saramenha começou a ser produzida, havia o “Alvará de proibição industrial”, baixado em 1785 por Dona Maria I, A Louca, que proibia a existência de fábricas e manufaturas nas colônias. Deduz-se, portanto, que o documento não era totalmente respeitado. SENA (2007) comenta que “ele nunca fora seguido à risca, dada à quantidade de fabricas de tecidos, ferro, mineração e de engenhos encontrados na Capitania de Minas Gerais” (p. 57). O alvará foi revogado por Dom João em 1º de abril de 1808 e a louça vidrada Saramenha se espalhou por todo o Estado de Minas Gerais, com inúmeros produtos derivados dela como, por exemplo, pratos, bules, tigelas, cuscuzeiros, entre outros, muitíssimo usados nas casas mineiras.

Mas, independente da data exata, consta que a fábrica da cerâmica foi instalada na chácara do Saramenha de propriedade do cirurgião-mor Antônio José Vieira de Carvalho. O nome se deve, segundo Lage, às roças de milho do lugar:

Saramenha era o nome dado às roças de milho dos primeiros bandeirantes que chegaram a Vila Rica, costume herdado dos indígenas de usar as terras baixas e planas, à beira de um rio, para plantar seus cereais, servindo depois como celeiro para as minas. Da região herdou o nome a chácara do cirurgião-mor Vieira de Carvalho; da chácara herdou o nome a cerâmica Saramenha (LAGE, 2010, p.68).

A sobrevivência das práticas e técnicas da Cerâmica Saramenha, no contexto da cultura local, aconteceu através da transmissão do conhecimento pelo contato direto do mestre de ofício com o iniciado. De pai para filho, de mestre para aprendiz, ou, por meio do ensino dessa arte em um espaço não formal através de cursos e oficinas com mestres de ofício.

Era muito comum entre os moradores de Ouro Branco ter em casa uma ou várias peças feitas pelo famoso Mestre Bitinho. Um destaque vai principalmente aos cuscuzeiros, muito utilizado nos lares ourobranquenses até os dias atuais.

Figura 4 – Cuscuzeiro, Castiçais e Moringa



Fonte: a autora.

O fabrico de louça da olaria da Chácara Saramenha, que Mestre Bitinho (1818-1998) manteve vivo em Ouro Branco, foi descoberto pelo seu amigo Petrus, Pedro Arcângelo Evangelista (1943 – 2006), artesão em couro e professor da Fundação Artística de Ouro Preto. Mestre Bitinho carregou a técnica como herança de aprendizado do pai, que aprendera com o avô. Entretanto, sem interesse de seus familiares, o ofício não foi repassado a eles, e sim compartilhado com um grupo de adolescentes durante a realização de uma oficina incentivada e fomentada pela Prefeitura Municipal de Ouro Branco e BDMG, através da Associação Mineira de Artesãos, no início da década de 80.

Hoje restam dois discípulos do Mestre Bitinho. O Mestre Leonardo Ricart dos Santos e Rosemir Hermenegidio. Este último vive e trabalha em Conselheiro Lafaiete. Leonardo trabalha na Gerdau em Ouro Branco e

ministra oficinas em um atelier construído em sua casa, ensinando jovens e adultos.

As escolas de Ouro Branco levam seus alunos para visitarem a oficina e ouvirem a história da Saramenha, de como ela é feita, além de conhecerem e experimentarem o uso do torno.

Segundo Leonardo, é possível identificar as peças feitas por mestre Bitinho pelo estilo próprio que ele incorporou à sua arte. Diferente das peças de origem portuguesa, que não possuíam arranjo em relevo, ele passou a decorá-las com cachos de uvas, pêssegos, figos e folhas. Além disso, ele fazia também os cuscuzeiros, terrinas, e os pratos tradicionais, que eram usados por muitos moradores de Ouro Branco. Outra característica que diferencia suas peças é o uso de óxidos preparados, que resultam em tons diferentes dos comprados prontos. As cores características da Saramenha de Mestre Bitinho e Mestre Leonardo são o amarelo ouro que resulta do uso de chumbo, o roxo do manganês, o verde do cobre e o vermelho da oca (terra vermelha retirada em Ouro Branco), diferentes das cores e tons imprimidas à Cerâmica Saramenha produzida no século XIX.

As peças de Mestre Bitinho ainda são encontradas em casas de antigos moradores da cidade. As do Mestre Leonardo Ricart são vendidas em sua oficina, onde há um espaço para que elas possam ficar expostas, também no Rio de Janeiro, São Paulo e na a Loja Cuia Brasil em Tiradentes/MG, e ele também expõe no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Em 2010, iniciou-se pela Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Ouro Branco o Processo de Registro Definitivo do modo de fazer a Cerâmica Saramenha. A solicitação foi apresentada ao IEPHA em 2011, e em 07/09/2013 foi feita a votação e aprovada por unanimidade pelo Conselho a necessidade do Registro Definitivo como Patrimônio Imaterial de Ouro Branco, conforme atesta a Ata de Aprovação de Registro Definitivo, de 07/11/2013, anexo.

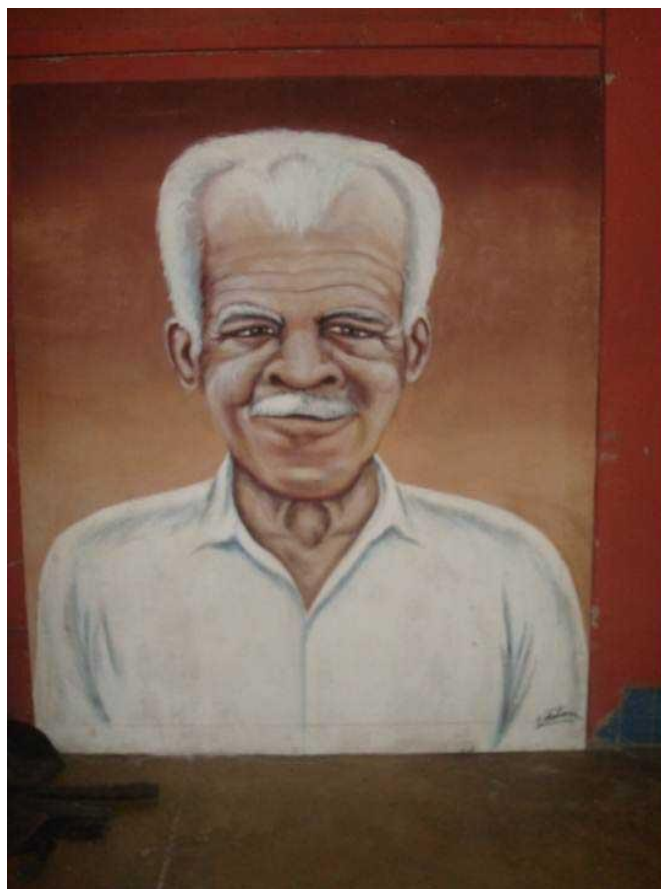
Este registro ainda não trouxe nenhum benefício para a preservação do ensino do modo de fazer Cerâmica Saramenha.

2. O mentor do ofício e o discípulo da técnica da Saramenha em Ouro Branco

Quando a cerâmica Saramenha havia sido considerada extinta em Minas Gerais, descobriu-se em 1981, ainda vivo na cidade de Ouro Branco, o último artesão-louceiro, o Senhor Silvestre Guardiano Salgueiro, na época com 73 anos, o Mestre Bitinho.

Em Ouro Branco, os processos de produção foram preservados por ele até o ano de sua morte, em 1998. Nascido em 1918, foi o último artesão herdeiro de uma tradição de ensino e aprendizagem mantida desde o início do século XIX. Bitinho aprendeu o ofício com o pai, Antônio Guardiano Salgueiro, que por sua vez havia aprendido com o avô Pedro de Deus Salgueiro. Abaixo, a imagem em óleo sobre tela produzida pelo artista local Everton Vieira, ilustra o Mestre Bitinho.

Figura 5 – Silvestre Guardiano Salgueiro, Mestre Bitinho



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Ouro Branco.

A família de Mestre Bitinho foi responsável por não deixar morrer a arte centenária oriunda de Portugal, repassando-a de pais para filhos. Posteriormente, quando os familiares não se interessaram por dar continuidade, o mestre passou a ensiná-la para alunos que se dispusessem a aprender. Dois destes alunos aprimoraram o aprendizado. Destes, apenas Leonardo Ricart, hoje o Mestre Leonardo, dedica-se ao ensino, em sua oficina em Ouro Branco.

Preocupada com a idade avançada do Mestre e com a preservação da Cerâmica Saramenha, a Associação Mineira dos Artesãos – AMA, realizou um projeto, financiado pelo BDMG, que visava à transmissão dessas técnicas a jovens carentes do município. Porém, infelizmente, pela falta de apoio local a tentativa frustrou-se em 1983.

Entretanto, em 1995, foi firmado um convênio entre a Prefeitura e o BDMG para a realização de uma mostra da Cerâmica Saramenha em Belo Horizonte. Dessa forma, foi retomado o projeto de recuperação da cerâmica e da sua história em Minas. Na ocasião, foi conferido ao Mestre Bitinho o título de 1º Patrono dos Artesãos Mineiros, em 1º de maio de 1982 pela AMA.

Leonardo Ricart dos Santos nasceu em 1977, em Itabirito, embora seu registro tenha sido feito no distrito ouro-pretano de Cachoeira do Campo, Minas Gerais. Seu pai, funcionário da Prefeitura Municipal de Ouro Branco, foi responsável por implantar um projeto que oferecia o curso de cerâmica no município e o incentivou para que fizesse sua inscrição. Foi dessa forma que aconteceu o encontro entre ele e o mestre ceramista Bitinho.

Figura 6 – Leonardo Ricart dos Santos, mestre Leonardo



Fonte: a autora.

A proposta de ensino em um espaço não formal oportuniza várias pessoas a conhecer e aprender a fazer Cerâmica Saramenha. Segundo Leonardo Ricart:

[...] é enriquecedor todo o processo. Cada aula é única, sendo impossível repetir o que já foi feito. Não é um processo em série, pois cada peça feita é ímpar e a criação desenvolve-se na feitura de cada uma, mesmo que se tente fazer igual. Moldar o barro e transformá-lo depende de cada um e também do momento em isso acontece. A arte e o artista se encontram e consolidam-se em cada peça criada. (Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).

Em 1994, quando viu pela primeira vez o barro adquirindo formas, ganhando vida nas mãos, sendo queimado e requeimado, e quando produziu uma peça brilhando como joia, o mestre Leonardo despertou para uma paixão. Apenas um ano de convivência com mestre Bitinho foi o bastante para que ele assimilasse o domínio da técnica. Várias peças foram produzidas nesse período, e como bons parceiros, o produto da venda era irremediavelmente dividido.

Terminada a fase inicial, surgiu uma oportunidade de trabalho para Leonardo na Prefeitura de Ouro Branco, em companhia do pai. Em seguida, o discípulo do Mestre Bitinho foi para a empreiteira da Açominas RG, onde aprendeu a trabalhar a solda.

Segundo Leonardo, a Cerâmica Saramenha, entretanto, exercia sobre ele um encanto que ia muito além de um simples trabalho. Não tardou em perceber que o trabalho na empreiteira significava para ele alguma coisa menor e a troca foi inevitável. Leonardo passou então a dedicar-se exclusivamente à cerâmica e adquiriu muita experiência. Com persistência e dedicação, se firmando como um novo mestre. Atualmente, Mestre Leonardo Ricart, trabalha na Gerdau Açominas e em suas folgas ministra os cursos em sua oficina.

Certificado pelo Sebrae e pela FAOP – Faculdade de Ouro Preto – na participação do Resgate Cultural do Artesanato Mineiro, o jovem Mestre Leonardo Ricart foi um dos sete alunos a participar do curso de cerâmica na oficina do Mestre Bitinho, em 1996.

Quando discípulo de mestre Bitinho, Leonardo desenvolveu sob sua orientação em 1997 uma coleção de peças para a galeria Pace, em Belo Horizonte.

Leonardo foi premiado pelo Governo Federal, através do Prêmio Culturas Populares 2009 – Edição Mestra Dona Izabel, promovido pela Secretaria de Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (MinC):

O ceramista Leonardo Ricart dos Santos, considerado o único Mestre vivo em Ouro Branco que mantém o ofício da Cerâmica Saramenha tradicional, foi premiado pelo Governo Federal através do Prêmio Culturas Populares 2009 - Edição Mestra Dona Izabel, promovido pela Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (MinC).

O Prêmio Culturas Populares 2009 tem como objetivo fortalecer as expressões da cultura popular brasileira, bem como identificar o trabalho de Mestres, Grupos e Comunidades. Visa valorizar e dar visibilidade a essas pessoas, estimulando a participação nas ações culturais relacionadas à sua atividade, e ainda promover um

intercambio entre esses praticantes de expressões das culturas populares brasileiras. O projeto encaminhado, que contempla o trabalho de Leonardo Ricart, foi elaborado pela Prefeitura Municipal de Ouro Branco, através da Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte, sendo escolhido entre os mais de 2.800 inscritos em todo o País. Ao todo, 297 Mestres e iniciativas/comunidades foram contemplados, com um investimento de mais de 2 milhões de reais. Os premiados foram escolhidos pela Comissão de Seleção, formada por artistas, pesquisadores, técnicos e dirigentes do MinC. Todas as propostas foram avaliadas individualmente e pontuadas. A classificação ficou por conta dos pontos obtidos por cada candidato. Entre os mestres e grupos premiados, Minas Gerais ficou em primeiro lugar em número de iniciativas contempladas, representando 13% do total. Mestre Leo, como foi inscrito, receberá R\$ 10 mil em forma de reconhecimento por sua atuação e contribuição para o fortalecimento da cultura popular brasileira. O título de reconhecimento como Mestre da Cerâmica Saramenha traz o estímulo necessário para a continuidade desta expressão artística, e reforça a importante presença de Ouro Branco no circuito cultural nacional. (http://www.ourobranco.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=7111)

2.1 O olhar do aprendiz

Mestre Leonardo Ricart foi discípulo de Silvestre Guardiano Salgueiro, o Mestre Bitinho, último artesão de uma linhagem familiar, cujas raízes remontam ao início do século XIX e ele hoje repassa o conhecimento adquirido com o mestre. Para Leonardo, o primeiro contato com Mestre Bitinho e a Cerâmica Saramenha foi uma coisa que parece que tinha que acontecer:

Meu pai, Sisenando Eugênio dos Santos, trabalhava na Prefeitura na época e foi responsável por implantar um curso de cerâmica em Ouro Branco através de um projeto do BDMG – Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Ele me aconselhou a inscrever-me para fazer o curso. Ao conhecer Mestre Bitinho e começar a fazer o curso, percebi que era aquilo que eu gostaria de fazer. Ver o que era possível fazer com uma pelota de barro usando o torno, ver surgir uma peça feita por mim, foi uma sensação muito boa. Imediatamente me encantei com a Saramenha e vi que era o que eu gostaria de fazer. (Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).

Sobre o próprio Mestre Bitinho e a convivência entre os dois, Leonardo menciona a tranquilidade e o prazer do Mestre em lidar com a Saramenha:

O Bitinho gostava de ensinar a quem quisesse aprender, só que até surgir esse projeto era muito difícil, porque ele não conseguia apoio da PMOB – Prefeitura Municipal de Ouro Branco - e não havia quem o incentivasse a buscar recursos através de projetos... (Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).

Leonardo conta que quando o pai foi funcionário da PMOB, percebeu que era preciso que Mestre Bitinho fosse ajudado para que ensinasse a sua arte. Para ilustrar tal simplicidade, ele diz que quando lhe perguntaram quanto ele cobraria pra ministrar o curso, Mestre Bitinho pensou e disse: “um salário”. Leonardo Ricart comenta que seu pai achava que ele merecia um salário justo e “*ele recebeu sete salários mínimos por mês, o que lhe ajudou bastante, já que suas peças não eram valorizadas*” (SANTOS, 2013). Na família de Bitinho, nenhum de seus filhos se interessou em aprender a fazer Saramenha, fato que o entristecia, pois considerava a arte tradicional em sua família.

Mestre Leonardo Ricart lembra que havia épocas em que Bitinho ia para o Rio de Janeiro trabalhar em fundição. Fazia fôrmas para produzir santos católicos, como por exemplo, São Francisco. Eram feitas em argila e depois moldadas em metal, bronze e gesso. Assim, ele ganhava algum dinheiro para sobreviver.

Sobre o processo de ensinar a técnica da Cerâmica Saramenha, Leonardo considera a melhor coisa que existe, pelo fato de transmitir aquilo que gosta e lhe dá prazer:

[...] a melhor coisa que existe em ensinar é ver o outro aprender, é a troca de conhecimentos, de experiências. E é isso que acontece durante as aulas. É um momento único para mim e meus alunos, momento de concentração e troca de energias, às vezes vou dar aula, cansado do meu trabalho e quando encontro meus alunos, o cansaço passa, as energias são revigoradas. Ao final da aula me sinto descansado e o mesmo acontece com meus alunos. Eu sou privilegiado por Deus. (Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).

Leonardo conta que as visitas dos alunos das escolas de Ouro Branco são agendadas com antecedência, pois precisa conciliar o trabalho de turnos com as folgas. O artista aborda com os visitantes a história da Cerâmica Saramenha e como ele aprendeu a técnica. Em seguida Ricart lhes apresenta a oficina e fala sobre os materiais usados, sobre o torno, o forno e todo o processo que envolve a feitura da Saramenha:

Eles vêem as peças que ficam expostas demonstrando cada etapa do processo, fotos de tudo e depois eu uso o torno para fazer uma peça para eles verem e depois eles experimentam também usar o torno. O mais gratificante é quando eu encontro com algum deles na rua e eles me reconhecem e falam para os pais, irmãos: “Olha esse é o Mestre Leonardo, aquele que faz cerâmica, peças usando o barro”, é muito bom, gratificante. *(Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).*

Mestre Leonardo acredita que, dessas visitas, podem surgir futuros alunos que darão continuidade à Cerâmica Saramenha.

Leonardo relata que sempre sonhou em ter sua própria oficina, pois enquanto trabalhava para a prefeitura, sofreu com a instabilidade causada pelas transições, tendo inclusive várias vezes o trabalho interrompido. Em uma dessas situações teve o forno destruído. *“foi muito triste. Eu trabalhei duro para ver aquilo pronto... Eu quebrei paredes, construí o forno e depois, tudo destruído”* (SANTOS, 2013).

Foi então que o ceramista resolveu desenvolver um projeto e apresentar para uma grande empresa fornecedora de aço, a Gerdau Açominas. Com o projeto aprovado o sonho da oficina virou realidade e a partir de 2011, com a responsabilidade de preservar os conhecimentos que lhe haviam sido confiados, iniciou um novo ciclo da Cerâmica Saramenha. Ele já formou duas turmas que através de patrocínio não tiveram nenhum custo e atualmente está acontecendo a terceira oficina, com mais duas turmas.

Uma tradição cultural única será preservada em Ouro Branco. A produção da Cerâmica Saramenha, técnica de artesanato desenvolvida apenas na cidade, e que estava ameaçada de extinção ganhou um projeto de preservação cultural. A iniciativa tem patrocínio da Gerdau e realização da Agência de Desenvolvimento de Ouro Branco.
TRADIÇÃO DA CERÂMICA SARAMENHA SERÁ

PRESERVADA, JORNAL CORREIO DA CIDADE. Terça, 28 de agosto de 2012).

Além das experiências com o ensino através das oficinas, Mestre Leonardo também relata seu envolvimento nas pesquisas com o óxido utilizado por ele:

Mesmo sem obter sucesso, Leonardo afirma:

“Continuarei fazendo experimentos para substituir os óxidos. Depois de vitrificadas, se as peças forem usadas como decorativas, o óxido não corre o risco de ser nocivo durante o uso. Por outro lado, se elas forem usadas como utilitárias, acho sim que poderiam causar algum dano se soltassem pedaços ao serem manipuladas. Eu produzo peças decorativas, então não vejo risco para a saúde de quem as tem”. (Entrevista concedida em 25 de setembro de 2013).

Repassando as técnicas através de cursos ministrados por ele junto ao Sebrae, FAOP, FAT, Leonardo dá continuidade à tradição, na perspectiva de resgatar a técnica que já se perdia no tempo, dando a ela plena vitalidade, que estaria findada no Mestre Bitinho, se Leonardo Ricart não tivesse aprendido e continuado a repassá-la em suas oficinas. E Mestre Leonardo espera que de seus alunos surjam novos mestres.

3. O ensino da técnica em um espaço não-formal

A transmissão do conhecimento e continuidade do modo de fazer a Cerâmica Saramenha, e do ensino desse modo, permanece se dando em um espaço não-formal de ensino.

Cabe fazer uma reflexão sobre o que é espaço formal e espaço não formal de ensino:

No intuito de buscar uma definição para espaço não formal, é importante conceituar o que é espaço formal de Educação. O espaço formal é o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, definidas pela Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina e refeitório. (JACOBUCCI, 2008,p.56).

Assim, a definição do que é não-formal, em relação aos espaços nos quais qualquer ensino e qualquer aprendizagem podem ocorrer, se dá pela formulação, com clareza, do conceito do que é o espaço formal, conforme Jacobucci (2008) esclarece: “Posto que espaço formal de Educação é um espaço escolar, é possível inferir que espaço não-formal é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa”.

A técnica da Cerâmica Saramenha sempre foi ensinada em espaços não-formais de ensino, desde Mestre Bitinho até as oficinas ministradas atualmente por Mestre Leonardo. Estas oficinas têm aulas semanais e acontecem no Bairro Metalúrgico, em Ouro Branco.

As oficinas são gratuitas, com intenção de atrair mais alunos para aprenderem a técnica da Cerâmica Saramenha, por isso são necessários projetos para obtenção de verba para manter a continuidade.

Fundado em 2012 com o nome de “Oficina-Escola de Cerâmica Saramenha Mestre Bitinho”, o lugar é um espaço de criação e recriação, onde as pessoas que participam têm a oportunidade de conhecer a história e a técnica da Cerâmica Saramenha.

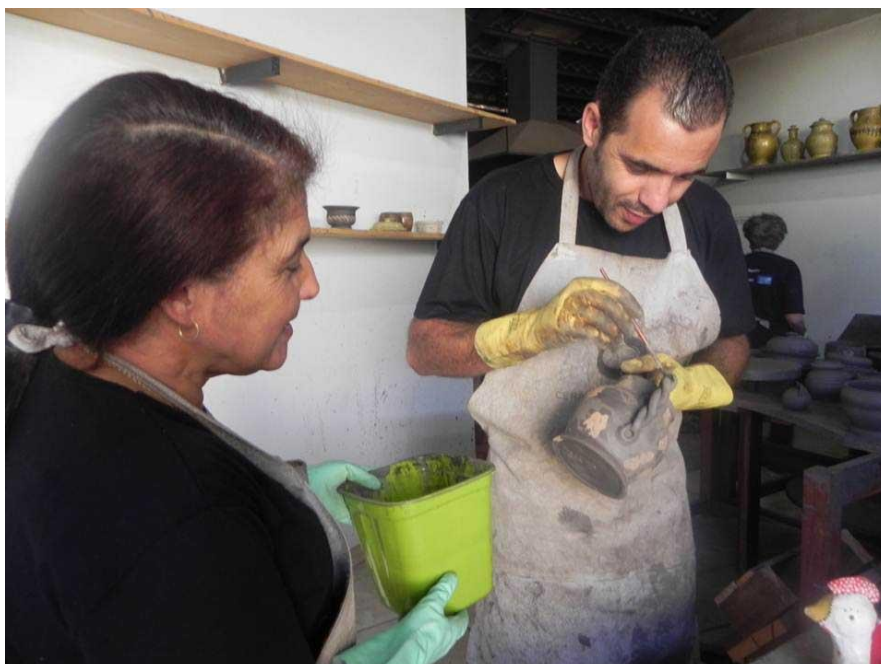
As oficinas acontecem em um clima de interação, onde são transmitidos os conceitos teóricos, além da prática, na qual os alunos aprendem como escolher a matéria prima, a modelagem, a vitrificação e a queima. A estrutura é constituída de seis tornos, um forno, área de tanque, prateleiras, moinho, maromba e o espaço para exposição das peças.

Figura 7 – Área externa da Oficina-Escola de Cerâmica Saramenha



Fonte: a autora.

Figura 8 – Mestre Leonardo durante o curso, ensinando a técnica



Fonte: a autora.

Além das oficinas ministradas por Mestre Leonardo, as escolas de Ouro Branco levam seus alunos para visitar a oficina. Na oportunidade, Mestre Leonardo conta a história da Saramenha, dos materiais que são usados em sua feitura e usa o torno para demonstrar como são feitas as peças. Além disso, os alunos visitantes também experimentam modelar peças, usando o torno. É um momento importante para que tomem conhecimento e levem para suas casas a experiência vivenciada. Seus familiares ficam sabendo que podem visitar a oficina e se inscrever em cursos, além de divulgar a oficina e a Cerâmica Saramenha.

3.1 A dinâmica das oficinas de Mestre Leonardo

Na primeira aula, os alunos tem acesso a todas as fases do processo de feitura, observando, manuseando peças que ficam expostas: peças torneadas em sua tonalidade escura que é a original antes de ser queimada; peças ainda em sua cor original e que já foram pintadas com os pigmentos; peças que já receberam a primeira queima, sendo que o resultado desta é uma peça em um tom bem claro, quase branco; peças já esmaltadas após receberem os óxidos e passarem pela segunda queima, e durante essa apreciação Mestre Leonardo explica o passo-a-passo da feitura. Ele usa também o torno e faz algumas peças para que os alunos observem. Os alunos manuseiam o barro e tentam trabalhá-lo no torno. Perguntas são feitas e respondidas, sendo que no decorrer do curso as dúvidas são esclarecidas.

Na segunda aula, o Mestre vai com os alunos apanhar o barro, que será ainda mais umedecido, coberto por um pano por dois dias, para depois ser modelado, eles participam de todo o processo.

A partir da terceira aula os alunos começam a fazerem suas peças. Há muita dificuldade em dominar o torno, visto que ele é movido com os pés. A dificuldade está em modelar com as mãos e manter o torno no ritmo necessário. São usados objetos improvisados, como um pedaço de madeira, de couro, um prego, garfo, qualquer objeto que possa dar a peça

os contornos e o aspecto desejado. Assim as aulas prosseguem e eles vão conseguindo através do treino. Alguns conseguem com mais facilidade e outros não. Como o curso é de seis meses, sendo duas aulas semanais com 3 horas de duração cada aula, eles vão treinando e aperfeiçoando. As peças prontas secam dentro da oficina e depois são manchadas pelos alunos antes de serem queimadas pela primeira vez. Esse é um momento que cada aluno tem liberdade de se expressar através de seus desenhos.

Quando as peças já estão prontas e se tem a quantidade para encher o forno elas vão para a primeira queima que leva doze horas. Para a primeira queima, foram colocadas 40 peças. O forno é aquecido com lenha comprada, geralmente eucalipto. Após a queima, espera-se que as peças esfriem e elas são retiradas do forno.

As peças recebem o banho chumbo, diluído em água e vão para segunda queima com duração de duas horas, então, coloca-se menos peças no forno, para que elas não fiquem em contato com as outras podendo ser danificadas.

3.2 Materiais e processos

O torno é de madeira, tocado com o pé, como era usado no início do século XIX. O forno é feito de tijolos comuns, com chaminé, aberto na parte superior, onde são colocadas as peças para a queima e usa-se lenha de eucalipto, comprada em Ouro Branco. Depois de colocadas as peças, a abertura do forno é vedada com tijolos e barro para que se mantenha a temperatura em seu interior.

Figura 9 – Forno para a queima da cerâmica



Fonte: a autora.

No processo de fazer Saramenha é usada a argila, o torno, o forno e ferramentas improvisadas, como por exemplo, um garfo velho, um pedaço de couro, de madeira. Cada aluno tenta imprimir em suas peças o desenho que deseja. Sendo que o resultado às vezes não é o esperado. Mestre Leonardo, com muitos anos de experiência consegue idealizar e realizar e incentiva os alunos, porque só com a experiência que eles irão adquirir é que conseguirão imprimir em suas peças as marcas idealizadas.

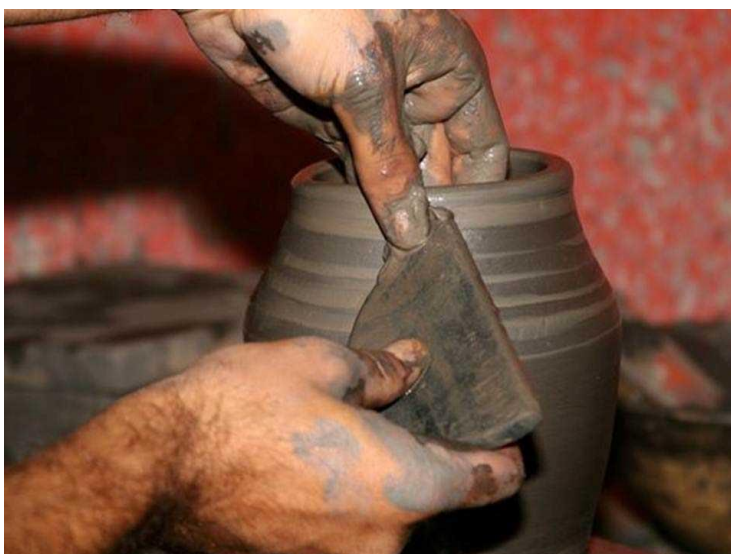
Figura 10 – Torno



Fonte: a autora.

A argila usada é bem escura, para que depois de queimada fique clara, quase branca, possibilitando uma boa vitrificação. Ela é encontrada na região de Ouro Branco, próximo a córregos e brejos. Usa-se enxada e pá em sua extração. Depois de extraída, a argila é curtida umedecida, coberta por um pano por um dia. Em seguida é passada na maromba para homogeneizar-se.

Figura 11 – Vaso modelado no torno



Fonte: a autora.

Os alunos participam de todo o processo, desde a extração da argila até a queima final, sendo que durante as aulas são usados todos os EPI's – Equipamentos de Proteção Individual - necessários à segurança, como luvas, máscaras e aventais.

Os materiais que são transformados nos pigmentos metálicos são comprados em lojas de ferro velho, e podem ser fios de cobre, tachos velhos dentre outros.

Figura 12 – Peças após a primeira e segunda queima



Fonte: a autora.

Os óxidos são levados a uma alta temperatura para derreter e, ao esfriarem, endurecem e então são moídos para serem usados dissolvidos em água. Leonardo Ricart coloca o cobre junto com o chumbo quando vai usar o forno e com a temperatura o “cobre contamina o chumbo”, resultando na cor verde, ao ser novamente moído.

Figura 13 – Materiais utilizados durante as aulas



Fonte: a autora.

Depois de fazer as peças no torno, é hora de esperar secar. Então os alunos fazem desenhos usando os óxidos de chumbo, manganês e oca,¹ levando-as ao forno para a primeira queima.

Figura 14 – Peças da oficina em processo de secagem

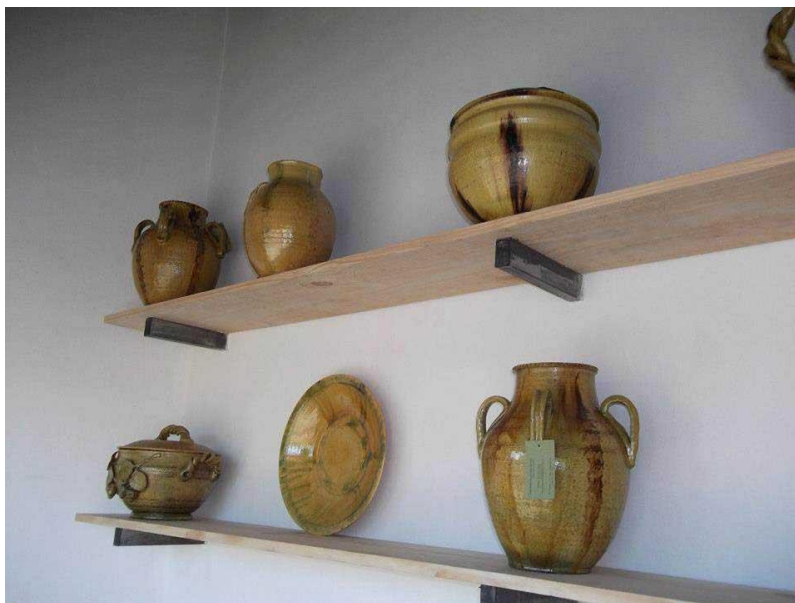


Fonte: a autora.

¹ Terra que resulta em tom avermelhado.

Na sequência, o esmalte/vidrado é obtido ao banhar a peça com o chumbo e levá-la ao forno para a segunda queima, que resulta em uma cerâmica rústica e vitrificada: a Cerâmica Saramenha.

Figura 15 – Peças em exposição na oficina



Fonte: a autora.

Os alunos gostam das aulas e da forma como o Mestre Leonardo repassa o saber.

A sensação, portanto, é de que estão sendo privilegiados pela oportunidade de participar do curso, aprender uma arte que poderia já ter desaparecido e contribuir para manter viva a técnica, podendo transmiti-la futuramente a novos aprendizes.

Segundo Mestre Leonardo é possível fazer Saramenha com argila preta comprada. Não é só a argila da região de Ouro Branco que resulta em Cerâmica Saramenha, e sim a argila preta e o conhecimento da técnica.

Considerações Finais

A oportunidade de tratar sobre Cerâmica Saramenha foi motivo de satisfação pessoal e profissional. Ao chegar ao final desta empreitada, o saldo foi mais positivo do que a minha dicotômica satisfação. Pude oferecer uma pequena contribuição para que a Cerâmica Saramenha se distancie cada vez mais do anonimato, do esquecimento e do desaparecimento com que esteve ameaçada.

A Cerâmica Saramenha, ainda no período colonial, desenvolveu-se com vistas a suprir necessidades de consumo de utilitários. Hoje ela é elemento constitutivo da cultura local.

Como se pôde observar no acompanhamento das aulas durante o trabalho de campo empreendido, ela se configura enquanto manifestação e técnica, pois sua criação decorre de procedimentos didáticos que estabelecem ou rompem limites e possibilitam a produção do conhecimento sobre os objetos. A técnica da Cerâmica Saramenha pode ser acessível a quem a busca e reconhece o seu valor, na Oficina de Mestre Leonardo.

Por fim, conclui-se, que os espaços não formais são ambientes propícios e tão adequados quanto instituições formais para a transmissão do conhecimento, técnica e consequente preservação da Cerâmica Saramenha. Pensar sobre o ensino da Arte é pensar maneiras de produzir processos didáticos cujos objetivos são propor ações no campo do fruir e do conhecer. Já que não foi o encontrado o ensino desta em espaço formal.

Pôde-se apurar que não fosse o trabalho do tradicional mestre de ofício, a Cerâmica Saramenha ter-se-ia perdido enquanto modo de fazer e que o seu ensino em espaços alheios ao ambiente escolar é que garantiu e garante a preservação da técnica. Por fim, conclui-se que os espaços não formais são ambientes propícios e adequados para a transmissão do conhecimento, técnica e preservação da Cerâmica Saramenha.

Ficam, portanto, estes registros e desafios da salvaguarda da técnica Saramenha para serem pensados a fim de dar continuidade a um importante elemento da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

ARTES & OFÍCIOS. Belo Horizonte: Jornal do Artesão, Ano IV, Edição Especial, out. 1995.

BYLAARDT, Marina Paulino et al. A Cerâmica Saramenha. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/artesanato/saramenha.html>>. Acesso em 17 de outubro de 2013.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. Estudos Avançados volume 15 nº 42. São Paulo. Maio / agosto 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>>. Acesso em 17 de outubro de 2013.

_____. Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar. 23ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de Educação para a formação da cultura científica. Revista EM EXTENSÃO. V. 7. 2008. p. 56. Disponível em <http://pt.slideshare.net/SeoSantos/ambientes-nao-formais-de-ensino>. Acesso em 28/09/2014.

JORNAL CORREIO DA CIDADE. Conselheiro Lafaiete. Agosto 2012

LAGE, Paulo Rogério Ayres. Cerâmica Saramenha a Primeira Manufatura de Minas Gerais. Belo horizonte: Palco, 2010.

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Parâmetros Curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais. In: MOREIRA, A.F.B. (Org.) Currículo: políticas e práticas. Campinas, SP. Papirus, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste. Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.

PEREIRA, Katia Helena. Como usar artes visuais na sala de aula. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

REZENDE, Marcelo. A luta continua. Bravo, outubro 2007.

SANTOS, Leonardo Ricart dos. 37 anos de idade. Ouro Branco, 25 set 2013. Entrevista concedida à autora.

SENA, Tatiana da Costa. O consumo de louças estrangeiras e produção artesanal de louça vidrada em Vila Rica (1808 – 1822). Trabalho de Conclusão de Curso, Monografia de Bacharelado, Departamento de

História – Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Federal de Ouro Preto – 2007.

SILVEIRA, Betânia. Manual Virtual de cerâmica. 2 CD-ROM`s. Florianópolis: 2003.

TRADIÇÃO DA CERÂMICA SARAMENHA SERÁ PRESERVADA, JORNAL CORREIO DA CIDADE. Terça, 28 de agosto de 2012). Conselheiro Lafaiete Minas Gerais

Anexo

ATA DE APROVAÇÃO DE REGISTRO DEFINITIVO

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO BRANCO-MG

EXERCÍCIO 2015

Página: 117 de 125

DOCUMENTAÇÃO LEGAL

ATA DE APROVAÇÃO DE REGISTRO DEFINITIVO

Aos 07 de novembro de 2013, na sala dos Conselhos Anexo I da Prefeitura Municipal de Ouro Branco foi realizada reunião ordinária do Conselho Municipal de Políticas Culturais com a seguinte pauta: Registro Definitivo da Cerâmica Saramenha, Fundo de Cultura Municipal e Conferência da Cultura O Secretário de Cultura Ildeu Ferreira, iniciou a reunião exatamente as 18:30 horas justificando que a ata da reunião do dia 10/09/2013 ainda não estava no livro de ata por motivo de correção e que faria a leitura desta ata na reunião seguinte. Ildeu falou sobre o Registro definitivo da Cerâmica Saramenha que havia iniciado em 2010 e apresentado no exercício de 2011 para o IEPHA, ressaltou o nome do mestre Bitinho e do Leonardo Ricart. Pedro Chaves, falou da importância do trabalho do Mestre Bitinho e do encontro com o ceramista Sr. Petrus, onde puderam conversar e elaborar algumas idéias e que através desse encontro nasceu a escolinha (oficina) do Bitinho. E somente o Leonardo Ricart que continuou com o ofício aqui em Ouro Branco. O Sr. Pedro Chaves falou da possibilidade de um museu em memória ao Mestre Bitinho, falou de uma doação para o museu de uma peça original do Mestre Bitinho, *que ele guarda com muita estima.* O Sr. Ildeu falou da importância de se fazer o Registro da cerâmica, contando um pouco da história da cerâmica, e focando sua importância para o município. A Senhora Miriam perguntou como estava o processo e falou do Ateliér do Leonardo Ricart e da continuidade desse trabalho. Foi feita a votação e foi aprovada por unanimidade pelo Conselho a necessidade do Registro Definitivo da Cerâmica Saramenha e a finalização do processo desse registro. O Sr. Ildeu falou sobre o FUMCOB e explicou todo o processo burocrático. A Senhora Renildes questionou a respeito da cláusula do Edital que diz: É vedada a participação de Servidores da Prefeitura Municipal de Ouro Branco na equipe dos Projetos inscritos. Considerando dupla interpretação. O Sr. Ildeu achou coerente a dúvida da Senhora Renildes, dando a ela total razão. Ildeu falou também de envolver o jurídico no próximo edital para que isso não volte acontecer. E que existe sim, a possibilidade de rever alguns artigos para dar oportunidade a todas entidades. A Senhorita Miriam falou a respeito da falha da Secretaria de Cultura quanto ao lançamento do Edital. E que esteve muito desanimada pelas dificuldades. Ela sugeriu que a Secretaria de Cultura promovesse algo mais para fomentar a cultura no município e desse mais apoio às entidades que estão começando e que não tem como participar dos Editais. O Sr. Ildeu falou da dificuldade que a Secretaria de cultura enfrenta por ter um número reduzido de funcionários, falou do comprometimento da Comissão de Análise de Projetos, elogiou a senhorita Miriam pela crítica feita à secretaria de cultura. A Senhora Renildes questionou sobre o repasse da verba do projeto do FUMCOB e de quando seria esse repasse, foi dada a ela a explicação a respeito da sua dúvida de que assim que for sanada todas as questões pendentes burocráticas de cada projeto, todos serão direcionados para finalização e repasse das verbas o mais rápido possível. Nada mais havendo a declarar, foi lavrada a ata. Eu Raquel Maria Dias a pedido da Sra. Elizabeti(secretária) que por motivos pessoais teve que se ausentar, lavei a ata.

Raquel Maria Dias

Prefeito: Maria Aparecida Junqueira Campos
Nome do chefe do setor: Ildeu Ferreira

Data: 30/11/2013